



XI CONGRESSO DA GEOGRAFIA PORTUGUESA

# AS DIMENSÕES E A RESPONSABILIDADE SOCIAL DA GEOGRAFIA

9 - 11 de Novembro 2017  
Faculdade de Letras Universidade do Porto

Livro de Atas

COORDENADORES:

Teresa Sá Marques  
José Alberto Rio Fernandes  
José Teixeira  
Patrícia Abrantes  
Fátima Matos  
Laura Soares

## FICHA TÉCNICA

---

EDIÇÃO: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Associação Portuguesa de Geógrafos

COORDENADORES: Teresa Sá Marques, José Alberto Rio Fernandes, José Teixeira, Patrícia Abrantes, Fátima Matos, Laura Soares.

TÍTULO: XI Congresso da Geografia Portuguesa, As dimensões e a responsabilidade Social da Geografia, Livro de Atas.

ANO: 2017

ISBN: 978-989-54030-2-8

PRODUÇÃO GRÁFICA: Claudia Manuel

---

### COMISSÃO ORGANIZADORA:

*Departamento de Geografia da Faculdade de Letras  
Universidade do Porto*

Teresa Sá Marques

José Teixeira

Patrícia Abrantes

Fátima Matos

Laura Soares

António Silva

Diogo Reis

Francisco Anjos

Helder Gonçalves

Joaquim Cardoso

José Sousa

Rui Abreu

Sónia Andrade

Tatiana Oliveira

*Associação Portuguesa de Geógrafos (APG)*

José Alberto Rio Fernandes

Ana Rei

Francine Tavares

Inês Rocha

Thiago Monteiro

---

### CONSELHO CIENTÍFICO:

António Alberto Gomes - *Universidade do Porto*

António Bento Gonçalves - *Universidade do Minho*

Ana Monteiro - *Universidade do Porto*

Ana Ramos Pereira - *IGOT/Universidade de Lisboa*

Carlos Silva - *Universidade Nova de Lisboa*

Domingas Simplicio - *Universidade de Évora*

Dulce Pimentel - *Universidade Nova de Lisboa*

Eduarda Marques da Costa - *IGOT/Universidade de Lisboa*

Fernanda Cravidão - *Universidade de Coimbra*

Herculano Cachinho - *IGOT/Universidade de Lisboa*

Lúcio Cunha - *Universidade de Coimbra*

Luís Paulo Martins - *Universidade do Porto*

Maria José Caldeira - *Universidade do Minho*

Mário Vale - *IGOT/Universidade de Lisboa*

Regina Salvador - *Universidade Nova de Lisboa*

Rui Gama Fernandes - *Universidade de Coimbra*

### REVISORES:

Assunção Araújo - *Universidade do Porto*

Carmen Ferreira - *Universidade do Porto*

Fantina Santos Tedim - *Universidade do Porto*

Fátima Loureiro de Matos - *Universidade do Porto*

Hélder Marques - *Universidade do Porto*

Helena Madureira - *Universidade do Porto*

Helena Pina - *Universidade do Porto*

João Carlos Garcia - *Universidade do Porto*

José Alberto Rio Fernandes - *Universidade do Porto*

José Teixeira - *Universidade do Porto*

Laura Soares - *Universidade do Porto*

Mário Gonçalves Fernandes - *Universidade do Porto*

Miguel Saraiva - *Universidade do Porto*

Patrícia Abrantes - *Universidade do Porto*

Paula Guerra - *Universidade do Porto*

Teresa Sá Marques - *Universidade do Porto*

# O retorno da resinagem à floresta portuguesa. Uma forma de promoção do desenvolvimento dos sistemas rurais e de prevenção de incêndios florestais

C. Ferreira <sup>(a)</sup>

<sup>(a)</sup> Departamento de Geografia/Faculdade de Letras da Universidade do Porto, dra.carmenferreira@gmail.com

## RESUMO

Há cerca de 40 anos atrás, nos anos 70, Portugal era o segundo maior exportador de resina do mundo. A atividade entrou em declínio nos anos 80 e, na atualidade, Portugal é o segundo maior importador de resina, uma situação que muitos querem agora mudar. Recentemente surgiu um renovado interesse pelo tradicional setor da resina que, inclusivamente, fundamenta a criação de oficinas teórico-práticas de esclarecimento e aprendizagem das atuais técnicas de resinagem. Para além de criar emprego nas áreas rurais despovoadas, a resinagem valoriza a floresta e pode prevenir a ocorrência de incêndios florestais, dada a presença contínua dos resinheiros na floresta o que facilita a limpeza das matas e a abertura de acessos. O reaparecimento desta atividade, vai criando, assim, mais uma oportunidade para o desenvolvimento dos sistemas rurais.

**Palavras chave:** Resinagem; Sistemas Rurais; Incêndios Florestais

## 1. INTRODUÇÃO

A extração da resina - líquido translúcido e viscoso que algumas árvores resinosas, como os pinheiros, produzem quando sofrem danos ou feridas no tronco - é uma atividade praticada manualmente, e consiste em fazer alguns cortes no tronco dos pinheiros (feridas) que fazem a árvore produzir e libertar resina que será recolhida num recipiente anexado à árvore (Fig. 1). Em cada ano, um novo corte é feito acima do anterior. Em Portugal, a resinagem é feita anualmente durante um período determinado de 9 meses (de 1 de março a 30 de novembro), com um pico no verão, quando a produção de resina é maior devido ao calor (Agrotec, 2015). A resinagem em Portugal é feita, sobretudo, em pinheiro bravo e é uma atividade que está regulamentada por lei (Decreto-Lei nº 181/2015, de 28 de agosto). O poder económico da resina é enorme. Da destilação da resina obtêm-se dois produtos importantes para a indústria: a terebintina (ou aguarrás) e

a colofónia (ou pez). Estes produtos, após uma segunda transformação, são depois utilizados para diversos fins como, por exemplo, na indústria farmacêutica, na medicina, na cosmética, na indústria alimentar e na produção de borracha. Um pinheiro médio pode produzir cerca de quatro quilos de resina por ano (Agrotec, 2015).

O Pinheiro bravo (*Pinus pinaster Ait.*) tem uma forte presença no sudoeste da costa Atlântica da Europa e nos territórios que fazem fronteira com o Mediterrâneo. Em Portugal, a área florestal ocupada por esta espécie corresponde, sobretudo, ao setor atlântico que compreende o norte e centro de Portugal, prolongando-se até Lisboa. O Pinheiro bravo é uma espécie florestal bem adaptada ao nosso território, predominantemente em áreas onde dominam solos pobres e superficiais, terrenos acidentados, muito calor e baixa humidade. Após as campanhas de reflorestação dos anos 40 (Devy Vareta, N., 1993), rapidamente se tornou numa das espécies dominantes (23%) da nossa floresta nacional a seguir ao eucalipto (26%) (Fig. 2).



Figura 1 - Corte e saco de recolha da resina. Foto: Cármen Ferreira

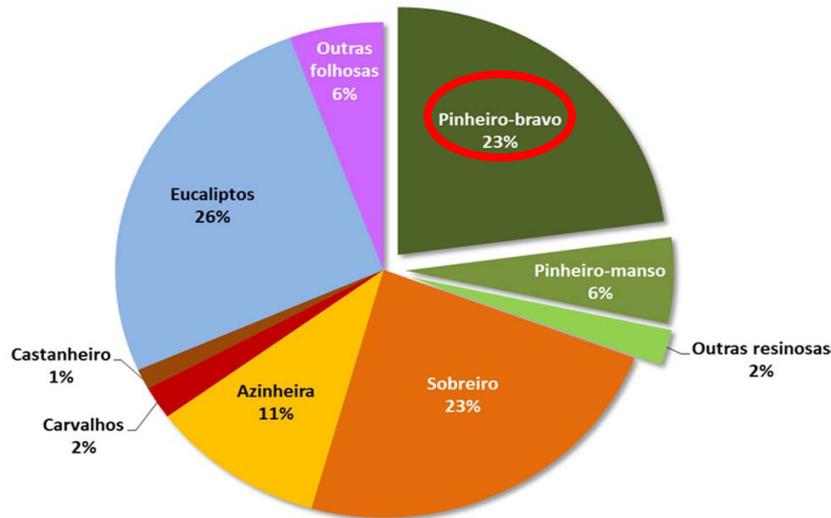


Fig. 2 - Distribuição percentual por espécie/grupo de espécies dominantes na floresta portuguesa. (Fonte: 6º Inventário Florestal Nacional, ICNF).

## 2. A EXPLORAÇÃO DA RESINA EM PORTUGAL

O início da industrialização da atividade da resinação verificou-se em meados do século XIX com a primeira unidade de destilação industrial a aparecer no ano de 1871, na área da Floresta Nacional de Leiria (“A

resinagem no Pinhal do Rei”, s/d). No início do século XX houve um aumento exponencial do número de fábricas e de resina recolhida e, em 1936, cria-se o Conselho Nacional dos Empresários de Resina. Nos anos 70, Portugal era o segundo maior exportador de resina do mundo (Fase 1), com uma produção de cerca de 140 mil toneladas/resina ano (Fig. 3).

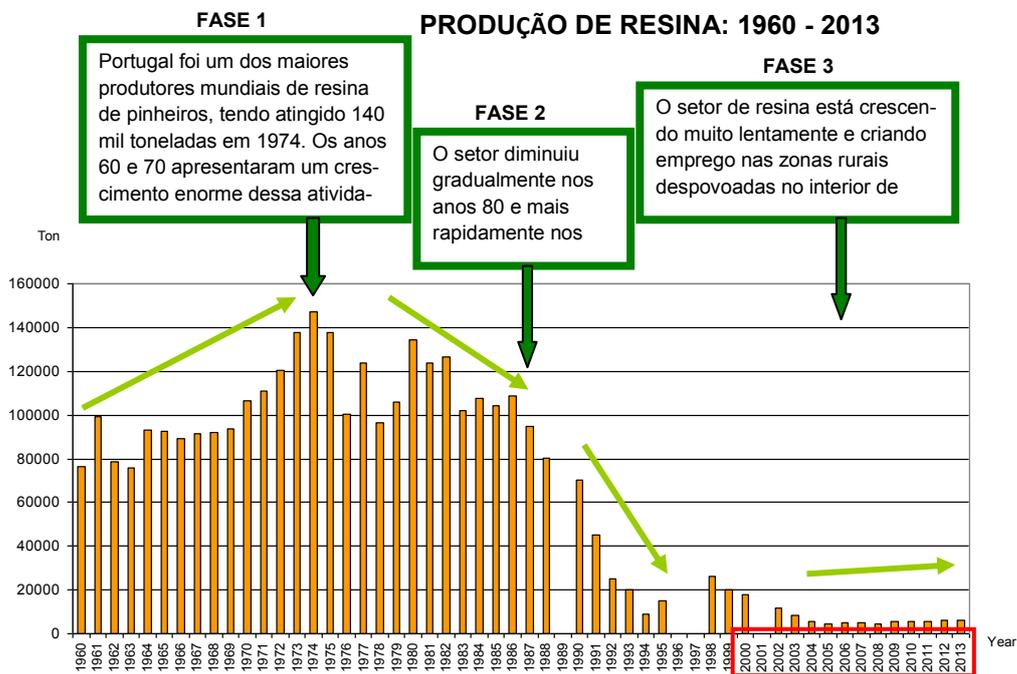


Fig. 3 - Produção de Resina, em toneladas, no período de 1960 a 2013. (Fonte: INE)

A atividade entrou em declínio nos anos 80 e 90 (Fase 2) devido, não só, à concorrência mundial, particularmente dos produtos provenientes da China e do Brasil, mas também devido ao abandono da floresta e à recorrência dos incêndios florestais que dizimaram muitos dos povoamentos adultos de *Pinus pinaster* (Fig. 4). No início deste século (Fase 3), verifica-se um lento

crescimento deste setor que vai criando emprego nas zonas rurais despovoadas, sobretudo no interior de Portugal.

Relativamente ao flagelo dos incêndios florestais que ocorrem todos os anos em Portugal, a ResiPinus (Associação de Destiladores e Exploradores de Resina), representante do setor de resina em Portugal, apresentou

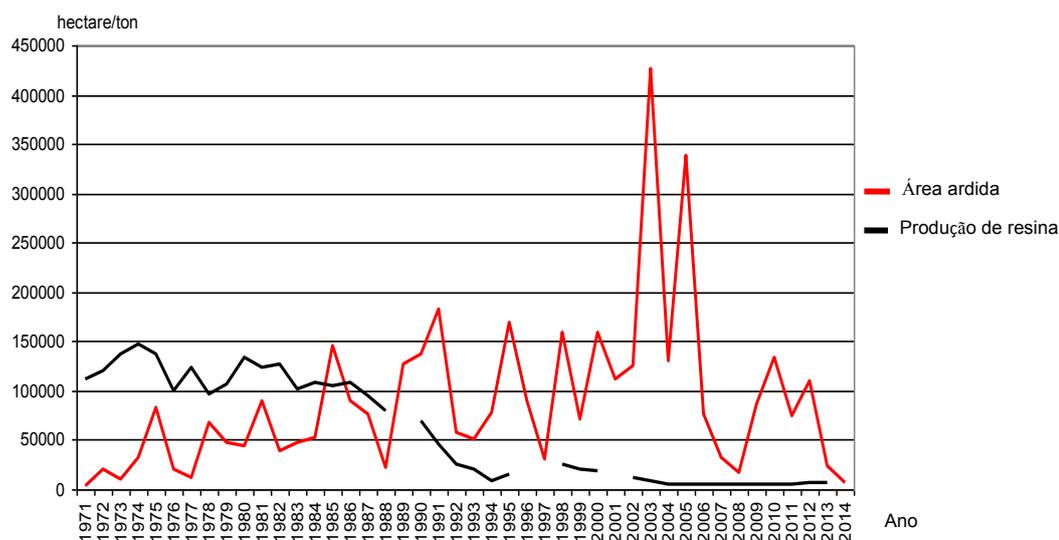


Fig. 4 - Relação entre área ardida (ha) e produção de resina (tonelada). (Fonte: INE).

ao governo, no âmbito do Programa de Desenvolvimento Rural para 2014-2020, uma Proposta de Defesa da Floresta Contra Incêndios através da resinagem, aproveitando, assim, o exercício de uma atividade económica rentável para a prevenção, deteção e intervenção precoce para incêndios. Este projeto da ResiPinus prevê a criação de equipas com um mínimo de quatro trabalha-

dores de resina que, para além de explorar uma área de 100 hectares, estão empenhados em vigiar mais de 1.500 hectares de floresta (Agrotec, 2015). Além disso, essas equipas de trabalhadores na sua atividade periódica de resinagem, não só pisoteiam a área reduzindo o combustível, como fazem a limpeza dos matos (Fig. 5).



Fig. 5 – Limpeza dos matos e recolha das agulhas dos pinheiros das matas de resinagem, no lugar de Seirós, freguesia de Canedo, concelho de Ribeira de Pena. (Foto: Cármen Ferreira)

### 3. NOTAS FINAIS

Após o declínio da atividade nos anos 80 e 90, surgiu, recentemente, um renovado interesse pelo tradicional setor da resina que, inclusivamente, fundamenta a criação de oficinas teórico-práticas de esclarecimento e aprendizagem das atuais técnicas de resinagem. A falta de emprego no interior português, onde predominam os sistemas rurais e a floresta, e o conseqüente despovoamento das áreas rurais, levou a que muitos silvicultores encontrassem na extração de resina uma alternativa a esta situação, já que a mão-de-obra constitui o investimento mais importante desta atividade. Acresce que,

por vezes, os proprietários alugam as árvores e retiram, desta forma, lucro das suas áreas florestais. No âmbito das atividades silvícolas, a resinagem é, muito provavelmente, aquela com maior intensificação de ocupação de mão-de-obra por área, pois em condições normais com potencial para a atividade, pode ocupar um operador durante 6 a 9 meses por cada 20 a 30 hectares de floresta (Agrotec, 2015). Para além de criar emprego nas áreas rurais despovoadas, a resinagem valoriza a floresta e pode prevenir a ocorrência de incêndios florestais, dada a presença contínua dos resinheiros na floresta o que facilita a limpeza das matas e a abertura de acessos.

#### 4. BIBLIOGRAFIA

- Agrotec (2015) Resinagem em Portugal: um foco de esperança. *Agrotec: Revista técnico-científica agrícola*, Abril, retirado de <http://www.agrotec.pt/noticias/resinagem-em-portugal-um-foco-de-esperanca/>, acesso a 13 julho 2017.
- Anastácio, D., Carvalho, J. (2008) Sector dos Resinosos em Portugal. Evolução e análise. Ed. Direção Geral dos Recursos Florestais, Lisboa.
- A resinagem no Pinhal do Rei*, retirado de <http://opinhaldorei.blogspot.pt/2012/05/resinagem-no-pinhal-do-rei.html>, acesso a 13 de Agosto de 2014.
- Devy Vareta, N. (1993) A floresta no espaço e no tempo em Portugal - A arborização da Serra da cabreira (1919-1975) (Dissertação de Doutoramento). Faculdade de Letras da Universidade Porto, Porto.
- INE. *Estatísticas Florestais*.